

AMEYO STELLA ADADEVOH: Uma heroína dos dias atuais

Por: Dr. Lauro Arruda Câmara, cardiologista

Nasceu em Lagos, Nigéria, em 27 de outubro de 1956. Seu bisavô, Herbert McCaulay, é considerado um dos nacionalistas fundadores da Nigéria moderna. Filha do renomado médico patologista Prof. Kwakwu Adadevoh, ex-vice reitor da Universidade de Lagos, foi a primeira de uma prole de quatro filhos. Ameyo começou seus estudos na Mainland Preparatory School in Yaba, Lagos. Em 1962, o Prof. Kwakwu mudou-se temporariamente com a família para Boston, Massachusetts (EUA), para fazer aperfeiçoamento durante dois anos na Harvard Medical School. Em 1964, ao retornar para Nigéria, Ameyo passou estudar na Corona School Yaba, até 1968, quando passou para a Queens School Ibadan, onde concluiu, em 1974, os estudos secundários com distinção nos exames do Conselho da África Ocidental. No ano seguinte, cumpriu o programa de estudos preliminares na Universidade de Lagos. Em 1980, aos 24 anos, recebeu o diploma de médica pela mesma universidade. No ano seguinte cumpriu estágio obrigatório como residente do Hospital Escola e, subsequentemente completou estágio do *National Young Service Corps*, no Centro Médico ETI-OSA, em Lagos.

Sua carreira profissional começou com a residência médica no Hospital Escola da Universidade de Lagos de 1983 a 1988, o que lhe proporcionou credenciais pelo *West African College of Physicians and Surgeons*.

Ameyo casou-se com Afolabi Emmanuel Cardoso em 26 de Abril de 1986, e teve um único filho, Bankole Cardoso, nascido em 17 de agosto de 1988.

Depois da residência médica, Ameyo trabalhou no Hospital Escola até 1991, quando conquistou o prestigiado diploma do British Council Scholarship para continuar seus estudos no Reino Unido. De 1991 a 1993, Ameyo completou seu *fellowship* em Endocrinologia no Hammersmith Hospital of the Imperial College in London, Inglaterra.

Ao completar sua formação acadêmica, Ameyo trabalhou mais de duas décadas fazendo o que mais amava: curar pessoas. Ela associou-se ao First Consultants Medical Centre em Obalende, Lagos, onde atuava como médica consultora líder e endocrinologista.

Ameyo era membro da Associação Médica da Nigéria, da Associação Britânica Nigeriana de Medicina e do Colégio Médico Nacional de Pós Graduação. Escrevia uma coluna "Ask Doc" (pergunte ao doutor) no Today's Women Magazine

No dia 20 de julho deste ano (2014), o diplomata liberiano-americano Patrick Sawyer passou mal num vôo que o transportava da Libéria para Lagos, onde participaria de um simpósio internacional. O diplomata apresentava vômitos e febre, sendo encaminhado para o First Consultant Medical Center para ser internado. Mesmo procedente de área endêmica da epidemia de Ebola, Sawyer negou ter tido qualquer contato com pacientes de Ebola. Depois, soube-se que uma irmã sua havia morrido da doença e que ele participara de seu funeral. Pela negativa da história clínica, foi suscitado o diagnóstico de malária. Como não respondia bem ao tratamento e começou a desenvolver sintomas hemorrágicos, a Dra Ameyo e sua equipe resolveram investigar a possibilidade dele estar com ebola, sendo esse diagnóstico confirmado após 24 horas de internação. O caso dele foi considerado caso índice (o primeiro) da Nigéria. Não havia no país nenhum hospital apropriado para combater esta terrível infecção, então a Dra Ameyo resolveu adaptar em seu hospital um setor de isolamento para evitar a propagação da epidemia na Nigéria, o mais populoso país africano. Ela organizou a desinfecção do hospital e promoveu uma campanha de conscientização entre os trabalhadores da instituição sobre a doença. Em seis dias, a equipe médica conseguiu montar uma unidade de isolamento de pacientes, sem qualquer ajuda do governo. O paciente Sawyer fazia de tudo para sair do confinamento: alegou que estava sendo seqüestrado, ficou agressivo e chegou a

jogar seu sangue contaminado na equipe que o atendia. Autoridades liberianas também pressionavam a fim de que Sawyer tivesse permissão para participar da conferência que tinha sido o motivo da sua viagem para a Nigéria. A Dra. Ameyo foi uma das poucas pessoas que tratou do paciente na unidade de isolamento, enquanto muitos profissionais se recusavam a trabalhar no caso depois que foi confirmado o diagnóstico de ebola.

O diplomata acabou morrendo em agosto vítima da doença. Poucos dias após a morte de Patrick Sawyer, a médica começou a apresentar os sintomas do ebola e então entrou para a unidade de isolamento que ela havia montado, desta vez como paciente infectada pelo vírus. A Dra. Ameyo veio a falecer no dia 19 de agosto de 2014. Outros três profissionais que trataram de Sawyer também morreram vítimas do ebola.

A Nigéria teve 20 pacientes contaminados pelo ebola, dos quais oito morreram. A firmeza com que a Dra Ameyo enfrentou as pressões nesse caso, com o sacrifício de sua própria vida a transformou numa heroína nacional por ter evitado a propagação dessa terrível epidemia.

Uma fundação com nome de Ameyo Stella Adedevoh foi criada para continuar seu legado e ajudar a melhorar a saúde da Nigéria.